

VIDA DE JOVEM NA EJA

Maria Antonieta Teixeira¹
Kamila Ferreira dos Santos²

RESUMO

O presente artigo é um estudo descritivo, de natureza exploratória, que busca compreender o significado da educação nas vidas dos jovens do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do município mineiro de Cláudio, suas expectativas em relação à escolarização e inserção no mercado de trabalho. Atualmente, a EJA caracteriza-se pelo fenômeno da juvenilização, decorrente das mudanças colocadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que direcionou o jovem para a educação de jovens e adultos, ao reduzir a idade mínima de 18 para 15 anos, no Ensino Fundamental, e de 21 para 18 anos, no Ensino Médio. O termo Educação de Jovens e Adultos surge nos anos de 1980 em virtude da presença dos jovens nessa modalidade de ensino. Conforme a Lei 9.394/1996, em seu artigo 37, a EJA constitui uma modalidade de ensino da educação básica para aqueles que, na faixa etária apropriada, não tiveram acesso ou não obtiveram sucesso no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio Regular. Quem são os jovens que frequentam a EJA? Por que os jovens interrompem seus estudos? O que a educação representa em suas vidas? Quais são os seus projetos futuros? Esse conjunto de questões direcionou a pesquisa realizada. Os jovens responderam uma entrevista estruturada que perscrutou os motivos que os obrigam a abandonar a escola e, depois, a retomar os estudos. Argumenta-se que, mesmo com a interrupção dos estudos, os jovens acreditam que a educação seja o meio de melhoria de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Juvenilização. EJA.

ABSTRACT

This article is a descriptive, exploratory study that seeks to understand the meaning of education in the lives of young people in High School, Youth and Adult Education (EJA), the municipality of Cláudio in Minas Gerais, their expectations regarding schooling and insertion in the labor market. Currently, the EJA is characterized by the phenomenon of juvenilization, resulting from the changes introduced by the Law of Guidelines and Bases of National Education (BRASIL, 1996), which directed the youth to the education of young people and adults, reducing the minimum age of 18 for 15 years in Elementary School, and 21 to 18 years in High School. The term Youth and Adult Education emerges in the 1980s because of the presence of young people in this type of education. According to Law 9.394 / 1996, article 37, the EJA is a modality of basic education teaching for those who, in the appropriate age bracket, did not have access to or did not succeed in Elementary School or Regular High School. Who are the young people who attend the EJA? Why do young people interrupt their studies? What does education represent in their lives? What are your future projects? This set of questions guided the research carried out. The youths responded to a structured interview that examined the reasons for leaving school and then returning to school. It is argued that, even with the interruption of studies, young people believe that education is the means of improving life.

1 Professora da UEMG Cláudio. Mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG Divinópolis.
maria.teixeira@uemg.br

2 Aluna do curso de Pedagogia da UEMG Cláudio.

KEYWORDS: Youth. Juvenilization. YAE.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um estudo de natureza qualitativa e exploratória, que busca compreender o significado da escola nas vidas dos jovens do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Cláudio (MG)³, suas expectativas em relação à escolarização e inserção no mercado de trabalho. Atualmente, a EJA caracteriza-se pelo fenômeno da juvenilização, decorrente das mudanças colocadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que direcionou o jovem para a educação de jovens e adultos, ao reduzir a idade mínima de 18 para 15 anos, no Ensino Fundamental, e de 21 para 18 anos, no Ensino Médio.

O termo Educação de Jovens e Adultos surge nos anos de 1980 em virtude da presença dos jovens nessa modalidade de ensino. Conforme a Lei 9.394/1996, em seu artigo 37, a EJA constitui uma modalidade de ensino da educação básica para aqueles que, na faixa etária apropriada, não tiveram acesso ou não obtiveram sucesso no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio Regular. “O termo modalidade é diminutivo latino de *modus* (*modo, maneira*) e expressa uma medida dentro de uma forma própria de ser. Ela tem, assim, um perfil próprio [...]. Trata-se, pois, de um modo de existir com característica própria (BRASIL/CNE, 2000, p. 27).

Baseada numa concepção de política pública que reconhece e reafirma o dever do Estado de garantir a educação como direito de todos, a EJA pressupõe compreender a juventude e suas singularidades, possibilitando, assim, entender a própria sociedade contemporânea, cuja dinâmica revela as formas desiguais de uma vida limitada às condições do mercado de trabalho que, no caso de Cláudio, é alicerçado na indústria da fundição artesanal, que não requisita trabalhadores qualificados e, dessa forma, não cria vínculos com o sistema educacional.

O termo juventude, para o senso comum, corresponde a um ciclo de vida de passagem entre a infância e a idade adulta, quando ocorrem mudanças biológicas e psicológicas. A forma jovem de

³ O município de Cláudio está localizado na porção oeste do estado de Minas Gerais, na microrregião de Divinópolis e dista 150 Km de Belo Horizonte. Como um centro local, Cláudio atinge um reposicionamento na rede urbana, destacando-se como polo de educação superior, com a presença de uma unidade da UEMG, que polariza diretamente Carmópolis de Minas, Carmo da Mata, Divinópolis, Itaguara, Itapeçerica, Oliveira, Passa Tempo, Piracema e São Francisco de Paula.

ser e estar no mundo é moldada pelos adultos, principalmente pais e professores, que definem as normas sociais. Teoricamente, há um debate sobre o conceito de juventude (ABRAMOVAY; CASTRO; WASELFISZ, 2015, p.23).

Peralva (1997) propõe compreender o fenômeno da juventude, não como natural, mas como fenômeno social e histórico, datado. O olhar sociológico ratifica tal postura, ao rememorar sempre a arbitrariedade das divisões, especialmente de idade. O que está em jogo é a divisão do poder; é a imposição de limites e a tentativa de colocar ordem para cada uma das partes. Nesse sentido, Bourdieu (2003, p. 151) afirma que “a juventude é só uma palavra”. A juventude é construída socialmente.

Como construção social, a juventude não pode ser entendida como uma única forma de ser jovem e nem constitui somente uma forma de transição para a vida adulta. Para Pais (1990), falar que a juventude é uma unidade social ou que possua uma cultura unitária é uma manipulação. Ou, por outro lado, afirmar que a juventude são grupos sociais que não tem nada em comum. São dois equívocos, segundo o autor português.

Dayrell (2008) recapitula as representações históricas que são associadas aos jovens. A juventude, ou é compreendida como condição de transitoriedade ou como um problema vinculado ao consumo de drogas ou à violência. A juventude pode também assumir um ideal romântico de liberdade ou representar uma categoria cultural. Essa visão reducionista acaba não considerando o jovem como sujeito de direitos, “[...] momento determinado [...]” em que a juventude “[...] assume uma importância em si mesma” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Essa visão reducionista também é discutida por Teixeira (2017, p. 21), que afirma a necessidade de “compreender a juventude como uma etapa específica com possíveis regularidades e capacidades próprias” numa perspectiva alteritária, em que o jovem é sujeito e não o negativo do adulto. Dayrell (2007) propõe a categoria de condição juvenil como uma maneira de compreender jovem e sua maneira de ser e estar na sociedade. Enfim,

[...] a sociologia da juventude vai nos mostrar a complexidade que é definir essa categoria, exatamente porque ela é, ao mesmo tempo, condição social e um tipo de representação (GOMES & DAYRELL, 2004). Podemos afirmar que a juventude é uma construção social que pode ser vivenciada de maneira diferente, dependendo de condição social, gênero, raça ou religião do jovem, dentre outras variáveis sociais (NONATO; DAYRELL, 2018, p. 103).

Ao chamar a atenção para a tendência homogeneizadora do público da EJA, Silva (2009) considera que as vidas jovem e adulta são marcadas pela diversidade e especificidades próprias, as pessoas jovens e adultas são sujeitos com identidades, raça, gênero, classe social e orientação sexual diferentes. Portanto, o autor afirma que: “É no cotidiano das práticas de EJA que as diversidades cultural, etária, racial e de gênero se expressam” (SILVA, 2009, p. 63).

Silva (2009) considera importante que os profissionais da EJA discutam sobre a presença dos jovens e os motivos que os levaram a EJA. A presença destes jovens estudantes é capaz de causar um impacto muito significativo nas relações sociais e educacionais que se estabelecem no cotidiano das escolas, entre esses sujeitos. É necessário repensar os discursos e as práticas pedagógicas que atribuem aos jovens, principalmente aos pobres e negros, comportamentos violentos, de alienação e de desinteresse. Representa um desafio compreender os jovens como sujeitos jovens e não como “alunos” abstratos.

Silva (2009) concebe a juventude como “construção social que se realiza de forma diferenciada ao longo do processo histórico e nos diferentes contextos sociais e culturais, que sofre modificações e interferências nos entrecruzamentos com a classe social, o gênero e a raça” (SILVA, 2009, p. 60).

Borghi (2009) considera que o quadro de desigualdades sociais no Brasil não permite uma homogeneização do conceito de juventude porque aponta para a formação de diversos grupos juvenis. No grupo estigmatizado de EJA, Borghi (2009) faz uma tentativa para entender como os jovens estão significando sua experiência. Na condição de exclusão a que estão submetidos, os jovens da EJA guardam particularidades e marcas que configuram uma condição diferenciada.

Dessa forma, entender a condição juvenil é perceber o entrelaçamento de desejos e perspectivas de futuro, onde há características de transição para a vida adulta, e para a descoberta de interesses comuns com outros jovens que irão marcar e constituir uma identidade própria. A identidade juvenil se constitui na sua relação com o outro: a família, a escola, outro jovem (PEREIRA, 2015, p. 64).

Nesse sentido, cabe estabelecer a (falta de) relação entre cultura juvenil e cultura escolar. Há uma falta de sensibilidade no ato de rotular como *alunos*, os jovens e sua cultura associada à comunicação tecnológica, às artes e ao corpo, que acabam sendo fontes de conflitos e problemas nas escolas. Assim, “o espaço escolar é visto pelos jovens de maneira ambígua: algumas vezes, o lugar de socialização e de convívio com os amigos e outras, um lugar de conflitos entre os pares e

entre os alunos e os adultos da escola” (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015, p. 37).

A sociologia da juventude demonstra, enfim, a complexidade da categoria e a importância de se conhecer a condição social do jovem. Nesse sentido, a investigação baseou-se no (re)conhecimento dos jovens, sua condição socioeconômica e familiar, bem como a relação da educação e do trabalho em suas vidas.

METODOLOGIA

A pesquisa orienta-se segundo o marco compreensivo, em que a Sociologia propõe a subjetividade como um dos fundamentos do sentido da vida social e como constitutiva do social e inerente à construção da objetividade nas ciências sociais. Nesse sentido, busca-se identificar as representações sociais dos jovens, entendida como “pensamentos, ações e sentimentos que expressam a realidade em que vivem as pessoas, servindo para explicar, justificar e questionar essa realidade” (MINAYO, 2001, p. 71).

Para a investigação, realizou-se uma pesquisa qualitativa, que associou uma abordagem exploratória, sobretudo pela observação, para proporcionar uma maior familiaridade com o campo de pesquisa e uma aproximação com os envolvidos. Para a coleta de dados, foi adotado um questionário auto-aplicável que foi aplicada nos alunos do 2º ano, da EJA Ensino Médio. A pesquisa foi realizada na tradicional Escola Estadual Quinto Alves Tolentino, que oferece a modalidade EJA e fica localizada no centro da cidade de Cláudio (MG).

Quem são os jovens que frequentam a EJA? Por que os jovens interrompem seus estudos? Quais os motivos os levam a voltar para a escola? O que a educação representa em suas vidas? Quais são os projetos futuros? Esse conjunto de questões direcionou a pesquisa realizada. Argumentou-se que, mesmo com a interrupção dos estudos, os jovens acreditam que a educação seja uma estratégia de melhoria de vida, um meio de alterar o quadro de vulnerabilidade social em que vivem.

A análise foi organizada segundo quatro categorias: perfil dos jovens, situação familiar, caracterização socioeconômica dos jovens e vida escolar.

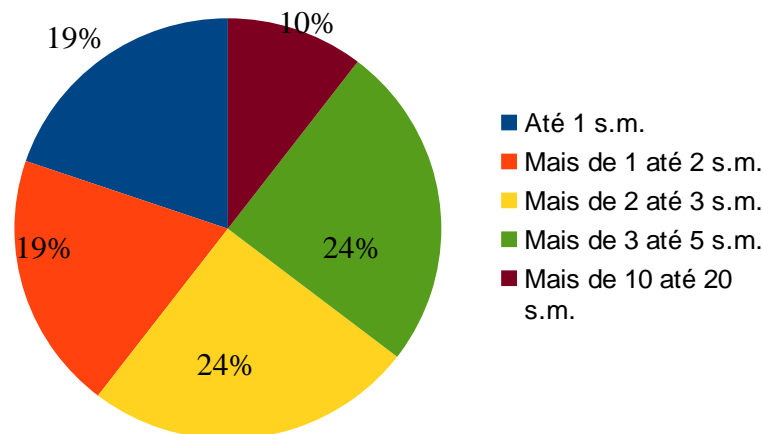
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O universo da pesquisa compreendeu uma turma de 38 alunos, de 18 a 29 anos, cuja idade representa um critério de enturmação dos alunos. Há uma segunda turma de ensino médio da EJA formada somente por alunos adultos. Observou-se que, quando um aluno jovem apresenta problema disciplinar, ocorre o seu remanejamento para a turma de adultos, maneira de retomar o controle da turma jovem. A diversidade geracional acaba sendo utilizada como um marcador social da diferença que caracteriza hierarquizando.

É importante ressaltar que, dos 38 alunos da EJA, 55% deles responderam as perguntas propostas, ou seja, 21 alunos. Os outros 17 alunos devolveram o questionário sem responder, demonstrando pouca disposição para as atividades, a despeito das tentativas realizadas. Uma visão geral dos alunos/as revela que 42% têm 18 e 19 anos, sendo que 76% são de sexo masculino; 86% são solteiros. A renda familiar dos jovens entrevistados – 62% – concentra-se na faixa de até 3 salários mínimos.

Em relação à etnia e raça, os jovens autodeclararam-se 42% pardos, 25% pretos, 29% brancos e 4% não responderam. Então, 67% são negros. Apenas 10% tem renda familiar acima de 10 s.m. “As desigualdades de gênero e raça são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social no Brasil que, por sua vez, está na raiz da permanência e reprodução das situações de pobreza e exclusão social” (ABRAMO, 2006, p. 40).

GRAFICO 1 – Renda familiar dos jovens da EJA



Fonte: As autoras

A maioria dos jovens entrevistados – 76% – mora com os pais. Apenas um jovem mora sozinho e somente um jovem vive com o/a companheiro/a. 19% dos jovens possuem filhos menores de 5 anos de idade. A partir desses dados, é possível considerar duas situações. Por um lado, o adiamento da entrada para a vida adulta tradicionalmente associada ao casamento. De outro lado, a configuração de novos arranjos familiares, potencialmente vulneráveis, provocados pela presença de crianças pequenas.

Os pais dos jovens possuem baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto, e profissões que não demandam qualificação, como vigia, entregador, moldador, servente de pedreiro, agricultor e torneiro. As mães dos jovens possuem mais anos de estudo, que variam do ensino fundamental incompleto ao ensino superior incompleto, sendo que estão empregadas em atividades de prestação de serviços (cozinheira, doméstica, lavadeira, recepcionista e segurança de banco). Há donas de casa e funcionária pública. 19% dos jovens não informaram a escolaridade e profissão dos pais e mães.

Conclui-se que os pais dos alunos jovens apresentam uma trajetória escolar menor do que a dos filhos, sendo que 52% têm ensino fundamental incompleto, ou seja, os filhos podem ser os primeiros na família a concluir a educação básica. As mães ratificam a hipótese, pois 42% também não concluíram o ensino fundamental, ainda que 19% delas tenham terminado o ensino médio. De toda maneira, é perceptível a vinculação entre a baixa escolaridade e a desigualdade social, especialmente em relação ao trabalho.

Em relação à situação socioeconômica dos jovens, 85% trabalham com carteira assinada e

15% estão desempregados, há meses. As ocupações indicadas são cabelereira, faxineira, empregada doméstica, vendedor, operador de máquinas, pedreiro, servente, pintor, soldador e manutenção, moldador e fundidor, auxiliar de embalador, ferragista, carregador, auxiliar de serviços gerais. Observa-se que a maioria dos alunos trabalhadores atuam na cadeia de serviços da indústria de fundição ou metalurgia, característica do proletariado industrial local, marcado pelo taylorismo-fordismo.

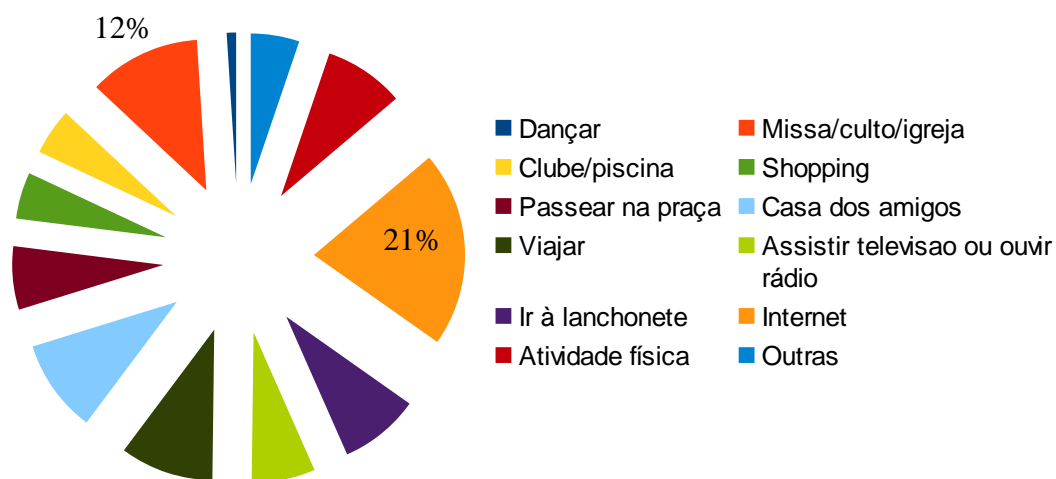
Cabe registrar que a economia de Cláudio é diversificada e presente nos setores primário, secundário e terciário. Uma ampla rede de fornecedores está presente no setor terciário da economia claudiense, como supermercados, lojas de departamentos, empresas de informática, autopeças, insumos agrícolas, agências bancárias, dentre outros. 80% da população ocupada é assalariada, sendo que 86% estão ocupados no setor da fundição. 57,4% dos trabalhadores locais recebem até 2 salários mínimos (IBGE, 2009).

53% jovens têm jornada de mais de 8 horas de trabalho, sendo que 89% têm salário de 2 s.m.. Vale registrar que 55% recebem apenas um salário mínimo. Vale destacar que a maioria usa os recursos para a própria manutenção e ajuda em casa. Aqui constata-se como o jovem entra para a vida adulta, assumindo responsabilidades de cuidado e sobrevivência familiar, caracterizando mais uma vez o quanto a vida do jovem pobre é um desafio. As condições se entrecruzam e acabam determinando o afastamento da escola. Aqui não se configura a chamada “irresponsabilidade provisória” (BOURDIEU, 2003, p. 153). Os jovens são adultos.

Atividades dos jovens de socialização, de comunicação e de consumo também foram pesquisadas, considerando a importância da dinâmica sociocultural na vida juvenil. Segundo a preferência, 21% dos jovens indicam a internet como a principal atividade, característica da cultura digital que colabora com o estabelecimento de novas sociabilidades. Teixeira (2017) constatou o apelo às tecnologias de informação e comunicação que foi apontado pelos jovens claudienses, tanto na área urbana, como na área rural, no Fórum da Juventude, evidenciando como a internet é importante no processo de socialização dos jovens, sobretudo nos seus modos de individuação.

Outra indicação foi a frequência às missas e cultos, cuja religiosidade é expressiva característica da cidade de Cláudio. A religião representa um *lócus* de sociabilidade e de ampliação dos espaços de formação de amizades.

GRÁFICO 2: Atividades desenvolvidas pelos jovens da EJA



Fonte: As autoras

Todos os alunos que responderam a pesquisa estudaram em escola pública, em toda a sua trajetória escolar. E 100% deles pararam de estudar, pelo menos uma vez. Questionados sobre o motivo, 90% responderam para trabalhar. Uma aluna jovem interrompeu os estudos pela gravidez e cuidado com o filho.

A escola significa o acesso para um melhor emprego: 86% dos jovens entrevistados consideram a escola importante para o futuro profissional, sugerindo que haja uma ligação com a preferência pelo ensino e pelas aulas na escola indicada por eles, na medida em que representa a possibilidade de mudança de vida. 44% disseram que o ensino e as aulas são o que eles mais gostam na escola.

Outra questão a ser destacada é a escola ser o local de encontro e socialização com os

amigos. 22% dos alunos vêem a escola como o lugar de sociabilidade e de estabelecimento de vínculos, caracterizando um sentido presente da escola nas suas vidas. Destaca-se ainda a indicação da “merenda” como elemento atrativo da escola, que merece ser investigado e extrapolou os objetivos da atual pesquisa.

Por outro lado, na sondagem sobre aquilo que os jovens menos gostam na escola, o número de respostas foi bem menor, indicando como a instituição tem significado para os alunos jovens. Daqueles que apontaram algum quesito que menos gostam, o principal são as regras, para 32%. As respostas sugerem a possibilidade de existência de normas impostas, que não consideraram a autonomia dos jovens alunos. Não há pactuação de regras. Nesse sentido, a indicação de professores e diretoria possivelmente representa a autoridade que desagrade a idade jovem, fase da irreverência e desafios.

Confirmando a indicação do ensino como uma das atividades mais prazerosas na escola, os jovens avaliam o ensino como ótimo (58%) e bom (42%). O relacionamento com os professores também foi bem avaliado. Na mesma direção, os jovens se vêem comprometidos com os estudos, sendo que 77% deles se consideram dedicados às atividades escolares.

Foi solicitado aos alunos que exemplificassem a relação entre o que estudam e o trabalho (atual/futuro). Os exemplos que surgiram foram os seguintes: fazer cálculos, contar; forma de falar; ser mais social; conviver com as pessoas e respeitar as diferenças; formação como policial. Um aluno respondeu que está na escola para sair do trabalho braçal e seguir uma carreira. O sentido da escola para os alunos corresponde ao projeto futuro de suas vidas – melhoradas.

CONCLUSÃO

A sociologia da juventude demonstra a complexidade da categoria e a importância de se conhecer a condição social do jovem que vê a escola a partir de dois sentidos principais: o presente, como lugar de fazer amigos e, o futuro, como possibilidade de mobilidade social. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender as mudanças da educação e da juventude, desnaturalizando relações e práticas que mascaram as desigualdades sociais. A escola encontra-se silenciosa, ainda.

A EJA vive um processo de juvenilização, quando os mais jovens que abandonaram a escola, voltam e retomam seus estudos. A compreensão dessa nova realidade precisa ser considerada pela própria escola, sobretudo para possibilitar que os jovens acessem seu direito à

educação. O jovem vive uma etapa específica de sua vida que deve ser levada em conta nos projetos pedagógicos e currículos da EJA. Não seria essa razão de 45% dos alunos não responderem a entrevista, demonstrando pouca disposição para as atividades? O campo permanece aberto para outras investigações.

Ainda que a economia formal do município de Cláudio (MG) seja hegemônica, há uma estreita vinculação entre os baixos salários e os tipos de funções realizadas. No caso da pesquisa, a pobreza e a juventude complexificam a realidade social claudiense, especialmente no âmbito da educação, que se vê frente ao desafio de formar um público distinto e que requer um projeto pedagógico apropriado.

Frente ao quadro de desigualdade social brasileira, a educação ocupa posição estratégica na formação emancipatória, faz-se necessário que os processos educativos da EJA estejam focados na diversidade dos sujeitos visto que, de acordo com a legislação brasileira, a EJA representa hoje uma nova possibilidade de acesso ao direito de educação. Com as palavras de Freire, “[...] aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra” (FREIRE, 2001, p. 59).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

BORGHI, Idalina Souza Mascarenhas. Juventude na educação de jovens e adultos : novos sujeitos num velho cenário. Universidade Federal da Bahia. Salvador BA. 2009

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 151-162. 2003

BRASIL. IBGE. Disponível em www.ibge.gov.br Acesso em 100/08/2018

BRASIL. Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDBEN. Presidência da República. Casa Civil. Brasília. 20.12.1996.

BRASIL/CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf Acesso em 12/07/2018

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. N.42. p. 40-52. 2003

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Revista

Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

DAYRELL, Juarez e GOMES, Nilma Lino. Juventude no Brasil: questões e desafios. 2008 mimeo.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

NONATO, Symaira Poliana; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, trabalho e escola: reflexões sobre a condição juvenil. Revista Trabalho & Educação. Belo Horizonte. v.27. n.1. 2018

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPED, no 5/6. 1997

PEREIRA, Vanilda. Desejos que mobilizam adolescentes-jovens na sua relação com o Trabalho e com a Educação de Jovens e Adultos. Dissertação de mestrado FAE/UFMG. 2015

SILVA, Natalino Neves da. Educação de Jovens e Adultos: alguns desafios em torno do direito à educação. Revista Paidéia. Universidade Fumec. Belo Horizonte. ano 6, n. 7, p. 61-72. 2009

TEIXEIRA, Maria Antonieta. Juventude e alteridade In: VIEIRA, Alessandra Kelly; FERREIRA, José Heleno; ANDRÉ, Lenir Rosa (Org.). Direitos da criança e do adolescente. Belo Horizonte: EDUEMG. 2017